

Conforto e agonia: *A viúva Simões* e conflitos da maternidade nas obras de Júlia Lopes de Almeida

GABRIELA SIMONETTI TREVISAN

Mestranda em História Cultural na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

e-mail: trevisan.gabriela@gmail.com.

1. A DESNATURALIZAÇÃO DO AMOR MATERNO

Logo no início do romance *A viúva Simões* (1897), a personagem Ernestina apresenta um sentimento bastante conflitante acerca da experiência da maternidade: sua filha “era o seu conforto e a sua agonia”, uma vez que era, ao mesmo tempo, uma felicidade, mas “por causa dela renunciava aos divertimentos do mundo, exagerando as suas atribuições caseiras” (Almeida, 1999, p. 37). É essa condição dúbia que permeia diversas obras de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), uma escritora carioca de bastante prestígio na virada entre os séculos XIX e XX (Telles, 2012, p. 482). Preocupada com assuntos do mundo privado e, logo, das vivências das mulheres, a autora abordou em suas obras, além da maternidade, o casamento, o adultério, o desejo e a casa de formas críticas, muitas vezes denunciando discursos machistas.

Ainda em *A viúva Simões*, por exemplo, Ernestina é uma recém-viúva de 36 anos, mãe da jovem Sara, de 18 anos. Envolvida no tédio do luto, ela se vê em uma vida “sem emoções”, longe dos “gozos e triunfos mundanos” (Almeida, 1999, p. 38). É então que ressurge um antigo amor de sua adolescência, Luciano, reacendendo a paixão e a juventude que ainda existiam em Ernestina. Ao longo do enredo, porém, o rapaz se apaixona por Sara, gerando na viúva o sentimento da competição em contraponto ao amor pela filha:

A rivalidade com a filha exacerbava isso. A mocidade de Sara era a sua tortura. Invejava aqueles dezoito anos, aquela alma primaveril, aquele rosto fresco e tranquilo. Estremecia com medo da velhice, da sua fatal e terrível decadência que sentia já perto, muito perto!

Suprimir Sara, pelo casamento, era o seu sonho de ouro! Na sua imaginação

doente surgiram ideias extravagantes. Pensou em ir ela mesma, procurar o Eugênio Ribas, ou fazer-lhe constar, pelo Nunes, que daria um grande dote à filha...

Ernestina era delicada e repeliu depressa essa lembrança. Seria expor a filha a comentários, isso nunca! Como sair daquele embaraço? Queria vencer, custasse o que custasse. Seria abominável que Luciano lhe fugisse uma segunda vez! A sua esperança era de que a filha não retribuiria nunca o amor dele! (Almeida, 1999, p. 164).

O trecho que Júlia nos coloca nesse romance, no qual uma mãe se vê nutrindo inveja e raiva pela própria filha, vai de encontro a um ideal de dedicação total à prole e de abdicação de si por parte das mães. A noção de amor materno incondicional, porém, como pontua Elisabeth Badinter (1985), não é natural, mas histórica, e tem seu início na modernidade, com a emergência de uma série de discursos médicos e jurídicos postos como verdades científicas. Sobre essa “nova mãe”, ela comenta:

Cuidar dos filhos, vigiá-los e educá-los exige sua presença efetiva no lar. Totalmente entregue às suas novas obrigações, não tem mais tempo nem desejo de frequentar os salões e fazer vida mundana. Seus filhos são suas únicas ambições e ela sonha para eles um futuro mais brilhante e mais seguro ainda do que o seu. A nova mãe é essa mulher que conhecemos bem, que investe todos os seus desejos de poder na pessoa de seus filhos (Badinter, 1985, p. 212).

Segundo Jurandir Freire Costa (2004), esses cientistas, médicos e juristas ganharam força no Brasil a partir do século XIX e, em concomitância com a defesa da nação e a regulação da sociedade, elegem o modelo da família nuclear como o mais higiênico e moral. Dessa forma, argumenta-se a favor da figura da mãe abnegada e da criança como necessitada de cuidados especiais. A mulher burguesa, em suas palavras, sofre a “emancipação feminina do poder patriarcal”, isto é, deixa a família expansiva do mundo rural, para passar pela “colonização da mulher pelo poder médico”, uma nova normatização de seu corpo e comportamento como naturalmente inferior e materno (Costa, 2004, p. 255).

Essas mudanças são destacadas também por Fabíola Rohden (2002), ao apontar que, no século XIX, emerge a ginecologia moderna, especialidade médica que se preocupava com o corpo feminino a partir da ideia da maternidade. Partindo de uma noção de natureza biológica, a medicina de então pensava as mulheres como intrinsecamente ligadas à função reprodutiva, supostamente comprovada em sua anatomia e em seus comportamentos de cuidado e submissão, fruto de seu próprio organismo:

É a partir das funções diferenciadas na reprodução que se prescreve papéis sociais muito distintos para homens e mulheres. Os primeiros seriam mais apropriados para as atividades públicas, do trabalho, polícia e comércio, enquanto que

as segundas prestam-se às atividades na esfera privada da família, como mães e esposas.

A ginecologia teria legitimado essa visão. Mais do que isso, é a crença na singularidade do corpo feminino como determinado à reprodução que possibilitou a formação dessa especialidade, que definiu as mulheres como um grupo particular de pacientes e um tipo distinto na espécie humana (Rohden, 2002, p. 115).

Júlia Lopes de Almeida não escapa às malhas dessa naturalização da maternidade, fato perceptível em suas obras. Nos manuais de comportamento feminino que publicou durante sua carreira, *Livro das noivas* (1896) e *Livro das Donas e Donzelas* (1906), a autora exalta o papel materno e instrui as mulheres a cuidarem da família e abdicarem de si mesmas em nome dos filhos, como no trecho abaixo:

Ser mãe é renunciar a todos os prazeres mundanos, aos requintes do luxo e da elegância; é deixar de aparecer nos bailes em que a vigília se prolonga, o espírito se excita e o corpo se cansa no gozo das valsas; é não sair sem temer o sol, o vento, a chuva, na desgraçada dependência do terror imenso de que sua saúde sofre e reflita o mal na criança; é passar as noites num cuidado incessante, em sonos curtos, leves, com o pensamento sempre preso à mesma criaturinha rósea, pequena, macia, que lhe suga o sangue, que lhe magoa os braços, que a enfraquece, que a enche de sustos, de trabalho e de prevenções – mas que a faz abençoar a ignota Providência de a ter feito mulher, para poder ser mãe! (Almeida *apud* Costruba, 2011, p. 141).

Nesse sentido, a escritora defende, nesses manuais, o autossacrifício feminino, assim como o recato e a natureza materna, aproximando-se dos médicos e higienistas da época, que se preocupavam com uma moralização do âmbito familiar. Essas publicações tiveram grande vendagem, destacando Júlia no mundo literário e, segundo Deivid A. Costruba, garantiram certa aceitação social da mesma como escritora (Costruba, 2011, p. 83-84).

Para além de analisar supostas intencionalidades de Júlia em suas obras, porém, destaca-se como a figura da mãe é complexa em suas ficções. Como pontua Virginia Woolf (1882-1941), “matar” o “Anjo do Lar” era uma tarefa muito árdua para as mulheres, e a escrita, portanto, podia se deparar, muitas vezes, com esses conflitos subjetivos (Woolf, 2012, p. 11-12). Em alguns momentos, como em *Livro das noivas*, *Livro das Donas e Donzelas* e mesmo em *Correio da roça* (1913) – romance epistolar no qual Maria e suas quatro filhas devem recomeçar a vida a partir da única herança deixada pelo marido, uma fazenda abandonada –, essa autora explora predominantemente a postura doce e abnegada das mulheres em relação à sua prole. Em outros momentos, porém, como na já citada obra *A viúva Simões*, a maternidade se desdobra em uma série de desafios e esforços indesejados pelas próprias mulheres. Essa situação conflui para a análise de Badinter, a qual defende

que o discurso da naturalização da maternidade foi insistentemente reforçado, pois era, para as próprias mulheres, algo questionável e contraditório. Em suas palavras:

Durante todo o século XIX e até na França petainista, os ideólogos voltarão incansavelmente a este ou aquele aspecto da teoria rousseauiana da mãe. Para que essa repetição monótona dos mesmos argumentos, se todos os efeitos desejados já tivessem sido obtidos? Não seria isso a prova de que nem todas as mulheres haviam sido definitivamente convencidas? Se muitas se submeteram alegremente aos novos valores, grande número delas apenas simularam acatá-los e puderam ficar em paz. Outras resistiram e foram combatidas (Badinter, 1985, p. 147).

Badinter pontua, portanto, que há diversas resistências em relação à biologização dos corpos femininos, o que se torna perceptível quando analisamos as várias publicações de Júlia. Em seu conto intitulado “Os porcos”, por exemplo, publicado na coletânea *Ânsia Eterna* (1903), a autora trata de uma jovem que engravida do filho do patrão e, amaldiçoada e ameaçada de ter seu bebê jogado aos porcos, passa a gestação preocupada com seu destino e o de seu filho. No desfecho, ela entra em trabalho de parto na mata, sozinha, e, muito fraca, tenta arrastar-se carregando o recém-nascido. Todavia, ela morre sem conseguir sair do lugar e sua última visão é o bebê sendo levado floresta adentro entre os dentes de uma porca.

Em outro conto da mesma obra, “A caolha”, Júlia conta a história de uma mulher desprezada por seu filho por não possuir um dos olhos. Quando ele se apaixona por uma jovem de sua vizinhança, tenta esconder a mãe e desvencilhar-se dela com o intuito de não causar repúdio em sua amada. A mãe, porém, percebe a vergonha do filho e, após uma briga, expulsa-o de casa. Pouco tempo depois, o rapaz descobre pela tia que quem causou a retirada do globo ocular da mãe foi ele mesmo, ainda muito pequeno, quando feriu-a por brincadeira com um garfo.

Essas histórias carregam uma sensação de estranhamento ou mesmo de repulsa, dada a crueldade de seus desfechos. Contudo, mais do que isso, o incômodo também está presente na associação da maternidade ao sofrimento emocional e físico, contrariando uma visão adocicada e angelical da experiência de ser mãe. Nas palavras de Norma Telles, essa monstruosidade de um destino supostamente natural às mulheres se destaca em relação a outras obras da autora, nas quais elogia a maternidade:

A maternidade tão exaltada por Júlia Lopes de Almeida nos livros das donzelas e noivas, torna-se algo atormentado e monstruoso. Ela perdera dois filhos pequenos, o que pode ter agravado suas angústias, mas não resta dúvida que faz uma relação entre o nascimento e morte, entre maternidade e deformidade. Em vários romances a mãe é vampirizada pela filha, em sentido metafórico, não sobrevive ao seu

crescimento e morre. O que diz do desespero das personagens ante a repetição do inevitável destino feminino; mas mostra também que, a aparente docilidade ao lidar com a cultura patriarcal, esconde monstruosas imagens de cólera (Telles, 2012, p. 481).

Ainda que Júlia trate algumas vezes de um relacionamento harmonioso das mulheres com o lugar de mãe, grande parte de suas ficções conta com personagens que esbarram na questão da maternidade de formas mais críticas. Em *A família Medeiros* (1892), a esposa do Comendador Medeiros, modelo de mulher casta e submissa, nem mesmo tem um nome na trama, buscando ensinar a mesma atitude às filhas. Nesse sentido, seu apagamento da história e as violências que sofreu ganham um caráter simbólico e crítico diante do incômodo e da autonomia de Eva, a personagem principal, que se nega a levar uma vida de abnegação. No trecho abaixo, a vida dessa personagem não nomeada é descrita:

A mãe trabalhava, fazia doces desde manhã até à noite, para o noivado da filha, deliberava costuras, examinava com escrúpulo o enxoval, recomendando zelo, muito zelo, às lavadeiras e engomadeiras, que lidavam sem descanso. A sua opinião nunca fora ouvida nem pedida em assuntos de outra importância. Era a governante da casa e isso bastava-lhe. Casara-se aos treze anos, sem amor, sem simpatia, mas também sem repugnância. Sujeitou-se à vontade do marido e ao seu mando, no começo por medo, depois por hábito. De índole bondosa, não se queixava nunca; desculpava sem esforço as faltas dos outros, mas não advogava perante o marido a causa de ninguém, justa que fosse, porque ele zangava-se, ela temia-o. Aceitava os fatos como eles se lhe impunham, sem tentar nem de leve averiguar-lhes o fundo; e assim deixava correr diante de si, idiotamente, como se os não visse, todos os acontecimentos domésticos. De doze filhos, restavam-lhe três. A morte sucessiva dos mais velhos, já criados todos, já homens dois, tinha acabado de acentuar na sua alma dolorida a indiferença por todas as paixões, amesquinhas pelo grande vulto desses intensos desgostos.

O marido nunca lhe falara de negócios; dispunha de tudo, livremente, e, como se temesse indiscrições, evitava comunicar-lhe até os receios que nutria a respeito de Eva (Almeida, 2009, p. 145-146).

Assim como em *A família Medeiros*, a maternidade como caminho único de valorização social da mulher também é criticada por Júlia na coletânea de ensaios *Eles e elas* (1910). Nesse conjunto de textos, que intercalam narradores femininos e masculinos, as mulheres criticam sua posição de subordinação no casamento e a ideia de que isso as levaria a sua realização pessoal. Em uma dessas narrativas, uma narradora afirma, indignada, que só seria vista com mais igualdade em relação marido quando engravidasse, uma vez que, de acordo com os discursos normativos, apenas a maternidade garantiria a realização plena de existir como mulher. Em suas palavras, “se eu tivesse um filho, deixaria de ser a boneca de carne e

osso, para ser a mulher!" (Almeida, 1910, p. 25).

Retomando *A viúva Simões*, percebe-se que, nessa história, Júlia também desnaturaliza a maternidade como um caminho de harmonia e realização para todas as mulheres. A competição entre a mãe e sua própria filha cada vez mais se intensifica, sendo evidenciada pelas comparações de Luciano, o homem por quem ambas se encontram apaixonadas. Nos pensamentos do personagem, Sara se torna o símbolo virginal da juventude e da doçura, enquanto Ernestina se mostra envelhecida, mais ligada ao desejo, ao corpo:

Era como se de repente o vácuo da sua casa solitária se tivesse tornado em um corpo de mulher moça e contente, e lhe reclamasse tudo o que lhe faltava... e parecia-lhe então que Sara fora momentaneamente a alma daquele ninho que ele enfeitava, amava, e que encontrava sempre mudo, frio, morto, incapaz de corresponder ao seu carinho!

E Ernestina? Parecera-lhe nesse dia um pouco avelhantada, medrosa de expansão. E teve pena daquela alma de criança, fechada em um corpo já em decadência... Entretanto ela era mais formosa que a filha, e não era à filha certamente que ele amava!

Desde esse dia Luciano não deixou de ir nem uma só tarde a Santa Teresa. E era sempre Sara quem o vinha receber, enquanto Ernestina o esperava, risonha e calma, na sua varanda entrelaçada de flores (Almeida, 1999, p. 143).

A maternidade, nesse romance, sai do plano da natureza feminina e aparece, então, como um problema para Ernestina. A filha a atrapalha mais do que lhe dá alegrias, uma vez que Sara se torna uma mulher qualquer que devia ser combatida, simbolizando o casamento passado que a personagem quer esquecer e um obstáculo para sua paixão. Jovem, inocente e virgem, lembra a mãe de seu envelhecimento, que a torna para o amado apenas um fruto de perdição, e não alguém ainda em tempo de se casar, como a própria personagem pensa consigo:

A carta de Luciano tinha-a amargurado. Era evidente que ele fugira à entrevista com o Eugênio Ribas. Amaria então muito a filha? Era isso o que a desesperava.

Compreendia finalmente que não soubera inspirar a Luciano mais do que uma paixão carnal. O coração e o espírito tinham vivido alheios. Ele quisera um galanteio e ela dera-lhe todo seu amor.

Envergonhava-se de ter sido tão crédula; se o tivesse tratado com desdém, ele, adorá-la-ia talvez! pensava ela (Almeida, 1999, p. 163).

Júlia, portanto, traz um lado perverso da maternidade. A vida autossacrificante de Ernestina só a levava ao tédio, e não à realização, contrariando as noções normativas de que se tornar mãe traria às mulheres sua felicidade plena. A viúva,

com o ressurgimento de Luciano, encontra uma oportunidade de permitir-se alegrias, porém, depara-se com o empecilho da maternidade. No momento em que Sara se torna amada por ele, Ernestina cultiva a ira e a inveja, culminando, então, em um desfecho ácido: o ódio entre mãe e filha. Um ápice de desnaturalização do amor materno.

2. DESEJO E EROTISMO: DE MÉNAGÈRE A BACANTE

Ernestina esforçava-se para manter a postura de “ménagère exemplar”, ainda que, nos momentos de distração, fosse traída por pensamentos de “desejos idílios irrealizáveis...” (Almeida, 1999, p. 37). O ressurgimento de Luciano, porém, não deixou dúvidas: a viúva sentia em seu corpo o incomôdo do luto, da lã preta que a envelhecia e tirava os contornos de suas curvas: “vestia-se devagar, demoradamente. A lã preta do luto repugnou-lhe; aquele traje áspero e triste não era o que o seu corpo desejava. A pele bem tratada queria seda, um contacto macio que caísse sobre ela como uma carícia...” (Almeida, 1999, p. 81).

Logo, ela cede às suas vontades e quebra as convenções sociais, deixando o luto antes do tempo e alegando para sua filha que ele era apenas uma tolice (Almeida, 1999, p. 105). Também é de forma sexual que Luciano vê Ernestina, chamando-a de “bacante” e descrevendo seu corpo e o desejo que por ela sentia:

O corpo esbelto e ondeante da moça, o negro azulado do seu cabelo farto, a doçura dos seus olhos rasgados e úmidos, o moreno quente da sua pele rosada, acendiam-lhe no coração, não o amor puro e casto que o homem deve dedicar à companheira eterna, mas o fogo sensual de uma paixão violenta e transitória (Almeida, 1999, p. 117-118).

Entre os séculos XVIII e XIX, ocorre uma grande mudança na forma de tratar o sexo. Com a emergência da medicina e seus discursos de verdade, os atos sexuais se tornam preocupação da ciência ocidental, que institui o sexo como determinante na constituição dos indivíduos. De acordo com Michel Foucault, a partir de então, “cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo” (Foucault, 1999, p. 27).

O filósofo interpreta essa centralidade do sexo como parte da emergência de um “dispositivo da sexualidade”, formado a partir de uma rede de saberes e poderes que produzem um discurso de verdade sobre o sexo. Segundo ele, o sexo não foi alvo de repressão na modernidade, mas de uma normatização. As práticas sexuais teriam sido capturadas, nomeadas e classificadas, gerando uma multipli-

cidade de sexualidades que passaram a ser identificadas como normais ou patológicas, rotulando, dessa forma, os próprios indivíduos.

É também nesse período que a estrutura familiar se redefine como nuclear, segundo a moralidade da burguesia urbana em ascensão, que propunha uma higienização do lar e da sociedade com a intervenção da medicina no seio da família (Costa, 2004). Essa normatização teria como principais protagonistas as mulheres e as crianças, ainda que pretendesse abranger toda a população. Nesse sentido, os discursos e práticas médico-jurídicas tentavam convencer as mulheres de seu importante papel como mantenedoras do lar, assim como do futuro do país: cabia a elas vigiar o marido e os filhos e também se autovigiarem, com o intuito de garantir a manutenção da moral familiar e nacional (D’Incao, 1997, p. 236).

Foucault também pontua essa especificidade das mulheres no processo de moralização burguesa da sociedade. Dentro do dispositivo da sexualidade, ocorre uma normatização dos corpos femininos e a produção de duas imagens: a mulher histórica, associada à anormalidade e à patologia, e a figura modelar da Mãe, como ele pontua:

Histerização do corpo da mulher: tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado — qualificado e desqualificado — como corpo integralmente saturado de sexualidade; (...) foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; (...) enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo que é a "mulher nervosa", constitui a forma mais visível desta histerização" (Foucault, 1999, p. 99).

A histerização do corpo da mulher, portanto, seria parte desse dispositivo que institui e classifica o normal e o patológico nas práticas sexuais dos indivíduos. Segundo os discursos médico-científicos, a mulher “normal” se caracterizaria biologicamente pela passividade, pela assexualidade e pelo instinto de cuidado com o marido e com os filhos. Aquela que fugisse a esse modelo era entendida como uma incontrolável, uma histórica, uma anormal que se desvia de sua natureza.

Esses discursos científicos também se instituem no Brasil, especialmente no século XIX e início do século XX, momento em que diversas teses médicas emergem nas Faculdades de Medicina, preocupadas em avaliar a biologia das mulheres. O médico sanitarista Vitorino Assunção, por exemplo, escreve em 1909 que

a mulher que contrai casamento deve ser convencida das leis naturais e morais que a obrigam a exercer o círculo completo das funções de mãe. Se a isto recusas é que

há uma falsificação dos sentimentos contrariando as manifestações naturais e sacrificando o dever que é sacrificar a si, a prole e a humanidade (Assunção *apud* Rago, 2014, p. 109).

Essas concepções de normalidade do desejo feminino que então se espalhavam atravessam a ficção de Júlia Lopes de Almeida. Em *A viúva Simões*, Ernestina busca manter-se dentro do comportamento modelar normativo, isto é, anular suas próprias vontades em nome do lugar de mãe e dona-de-casa. Todavia, desde o ressurgimento de Luciano, passa a libertar-se de algumas amarras: “Luciano aproximava-se dela, envolvendo-a com a sua voz quente e o seu olhar macio e caricioso”, diz o narrador (Almeida, 1999, p. 51). Queria embelezar-se, deixar seu corpo erotizar-se. Observava seus ombros e seus braços, desejando o perfume e o toque da seda, “que caísse sobre ela como uma carícia” (Almeida, 1999, p. 81).

De acordo com Margareth Rago (2008), a dessexualização das mulheres seria parte constitutiva dos discursos sobre sua inferiorização biológica, pois eram vistas como naturalmente frias, menos ativas e motivadas apenas pela realização do instinto materno, diferentemente dos homens. Um exemplo são as palavras do médico J. B. de Moraes Leme, em 1926, o qual afirma que “na mulher domina, sobre o instinto sexual, o instinto materno, ou melhor, o apetite sexual decorre do instinto materno, enquanto que no homem o instinto paterno tem parte muito pequena no coito, em que aquilo que ele procura é o prazer” (Leme *apud* Rago, 2008, p. 170).

Não é esse comportamento recitado que se observa na viúva de Júlia Lopes de Almeida. Pelo contrário, ela se entrega, ainda que entre segredos, aos braços do homem que ama, como pode ser percebido na sutileza da descrição dessa escritora:

Ernestina, meio oculta pela cortina de renda preta, deixava-se abraçar, amolecida, tonta, sem forças para resistir; o busto vergado para Luciano, os braços pendentes, o corpo trêmulo.

Nas paredes cinzentas da sala, os arabescos de ouro cintilavam, como se os milhares de gafanhotos que estampavam no papel as suas asas agudas e as duas pernas finíssimas, se embaralhassem numa dança endiabrada!

O gás a toda força chamejava no cristal do espelho, amornando a atmosfera e fazendo uma bulha de sopro surdo, como riso abafado!

Toda a energia da viúva tinha fugido. A luz? que lhe importava a luz?! Ela não via, não pensava, resvalava sem pena nem cuidado, sentindo-se feliz, mais nada! (Almeida, 1999, p. 103).

No Brasil, diversas eram as mulheres que desviavam à normatividade do dispositivo da sexualidade e dialogavam, então, com os conflitos da personagem Ernestina acerca da naturalização da maternidade e da ausência de desejo feminino. Maria Lacerda de Moura, por exemplo, nos anos 1920 e 1930, foi uma das

figuras dentro do movimento anarquista que lutaram pelo amor livre e criticaram a moralidade burguesa da época (Rago, 2014, p. 129). Ela acreditava que o casamento era uma prisão para as mulheres e se posicionava contra a sacralização da maternidade, argumentando em favor da divisão igualitária entre sexos na criação dos filhos (Rago, 2014, p. 142).

Entretanto, ela não era a única que, especialmente dentro de movimentos de esquerda, defendia um amor e uma sexualidade mais libertários para as mulheres. Em um jornal anarquista do início do século XX, vê-se o seguinte poema, exaltando a busca do prazer sexual feminino fora do casamento:

I

Virgens: erguei o olhar que as sombras do convento
acostumou a andar cerrado para a luz.
Deixai um instante só os êxtases de cruz,
e enchei-vos deste sol que brilha turbulento.
[...]
Vinde gozar a vida em toda a plenitude
e não faneis assim a vossa juventude
com sonhos infantis duma banal pureza.

II

A virgindade é quase um crime. Cada seio
deve florir num ser tal como a terra em flores.
Vencer o preconceito e os falsos vãos pudores
em que vos abumais num subitâneo enleio.

(Leite *apud* Rago, 2014, p. 138-139).

O desejo feminino, portanto, era abordado também por algumas mulheres contemporâneas a Júlia, que se preocupavam com a normatização dos corpos e o cerceamento da liberdade sexual das mulheres. Mesmo a escritora trata do tema em outros de seus escritos. Em *A falência*, de 1901, por exemplo, ela comenta sobre a excitação feminina quando Mila, a personagem central, algum tempo após enviuvar e privar-se de relações sexuais com o amante, sente novamente um “fulgor de desejo”, sufocado por um insuportável luto:

Invadia-a uma grande tristeza, um desejo vago de fugir, de sumir-se na transformação de uma essência diversa. A sua alma amorosa crescia-lhe dentro do peito na ânsia do calor do abraço e o sabor do beijo. Não podia mais, as roupas negras sufocavam-na. (...)

A sua carne forte acordava de um longo tempo de letargo com frêmitos de mocidade, capaz de todos os prodígios (Almeida, 1978, p. 224).

Assim como Ernestina, Mila sente desejos e se enfada com o peso do luto e com a exigência de portar-se segundo determinada moralidade. Júlia, nesse sentido, retrata uma situação que, nos discursos masculinos, não possui espaço, mas que, em seu imaginário, não só existe como é parte das subjetividades femininas das personagens, isto é, a multiplicidade das experiências femininas para além do modelo materno, casto e submisso.

3. REFLEXÕES FINAIS

Ainda que em seu desfecho *A viúva Simões* tenha certo fundo moralista, levando a mãe competidora a cuidar de sua filha pelo resto de sua vida devido a uma doença que atinge a jovem, esse romance não deixa de tecer uma crítica a um modelo único feminino, pontuando como as mulheres, nesse momento, eram trancafiadas no mundo doméstico e, mais do que isso, em uma identidade normatizadora segundo a qual deveriam agir como abnegadas e seguir o caminho do casamento e da maternidade sem qualquer tipo de desvio ou vontade própria. Como destaca Norma Telles:

Em *A viúva Simões* (1897) mãe e filha são de classe alta, estão bem financeiramente. Mas se apaixonam pelo mesmo homem. No conflito entre as duas, a mãe experiente e conhecedora das artes da sedução e a filha inocente e ingênua, ambas enlouquecem e permanecem encarceradas nos anseios e culpas de uma vida sem nenhuma perspectiva a não ser o casamento. Ficam literalmente trancadas em casa, as loucas da casa de janelas fechadas (Telles, 2005: n.p.).

A crítica da escritora se torna ainda mais nítida quando, já ao final do romance, Luciano percebe-se impotente diante da desgraça que causou a Ernestina e a Sara e se vê, então, sendo expulso daquele lar que frequentou por tanto tempo e onde teria alimentado uma discórdia familiar. Porém, ao conversar com uma amiga da família, ela ressalta como, na verdade, aquela situação pouco ou nada afetaria a vida do homem, ao contrário das mulheres:

-Está tudo acabado...
-Para Ernestina e para Sara, com certeza.
-E para mim...
-Isso... duvido! Conheço os homens, as impressões neles não duram como em nós... (Almeida, 1999, p. 206).

E, de fato, o que ocorre no desfecho da história é a partida de Luciano para

a Europa, enquanto Ernestina assiste seu barco zarpar, condenada a assumir o papel materno de renúncia de si de que tanto buscou fugir. Assim como nessa obra, a maternidade se apresenta como um lugar de conflito durante diversos escritos de Júlia Lopes de Almeida, que por vezes a idealiza e, por outros, expõe seus desafios.

Mesmo com posições muitas vezes divergentes entre si, em romances como *A viúva Simões*, essa autora tem uma grande preocupação em abordar a desnaturalização de um comportamento feminino abnegado, baseado na moral burguesa e sustentado por diversos discursos científicos da época. Dessa forma, Júlia apresenta uma racionalidade masculina que busca normatizar as vidas femininas entre os séculos XIX e XX, mas que não condiz com as realidades subjetivas das mulheres, as quais, por sua vez, se revoltam, criticam e se desviam do “Anjo do Lar”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Júlia Lopes de. *A família Medeiros*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009 (1ª publicação em 1893).
- _____. *A viúva Simões*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999 (1ª publicação em 1897).
- _____. *A falência*. Florianópolis: EDUNISC/Editora Mulheres, 2003 (1ª publicação em 1901).
- _____. *Ânsia Eterna*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013 (1ª publicação em 1903).
- _____. *Eles e Elas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves & C.A., 1910.
- _____. *Correio da roça*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014 (1ª publicação em 1913).
- Badinter, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Tradução de Waltensir Dutra.
- Costa, Jurandir F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004, 2ª edição.
- Costruba, Deivid Aparecido. “CONSELHO ÀS MINHAS AMIGAS”: os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896 e 1906). Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual Paulista (Unesp - Assis). Assis, 2011.
- D’Incao, Maria Ângela. “Mulher e família burguesa”, in: Priore, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 223-240.
- Foucault, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- Laqueur, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- Luca, Leonora de. “O ‘feminismo possível’ de Júlia Lopes de Almeida (1862-

- 1934)". *Cadernos Pagu*. Campinas, nº 12, 1999, pp. 275-299.
- Rago, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e resistência anarquista, Brasil 1890-1930*. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- _____. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- _____. "O prazer no casamento". *Cadernos CERU*. São Paulo (USP), série 2, nº 7, 1996, pp. 97-111.
- Rohden, Fabíola. "Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX". *Horizontes Antropológicos* Porto Alegre, 2002, ano 8, nº 17, pp. 101-125.
- Telles, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- _____. "Fragmentos de um mosaico: escritoras brasileiras no século XIX". *Labrys: estudos feministas*, nº 8, 2005. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys8/literatura/norma.htm>. Acesso em 14 jun. 2017, às 16h40.
- Wolf, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Trad. Denise Bottmann Porto Alegre: L&PM, 2012.

Artigo recebido em 15/06/2017; aprovado para publicação em 01/07/2017

RESUMO: Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) foi uma escritora carioca que abordou em suas obras os conflitos acerca da maternidade. Em *A viúva Simões* (1897), por exemplo, Ernestina é uma viúva que compete com a própria filha pelo amor do mesmo homem. Nesse sentido, a escritora se preocupa em desnaturalizar o amor materno, ainda que, em outras obras, reproduza uma noção idealizada da experiência de ser mãe.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade. Literatura. Sexualidade

ABSTRACT: Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) was a writer from Rio de Janeiro who approached in her literary works the conflicts of maternity. In *A viúva Simões* (1897), for example, Ernestina is a widow who competes with her own daughter for the love of the same man. In this sense, the author was concerned with denaturalizing the maternal love, although in other works she reproduces an idealized notion of the experience of being a mother.

KEYWORDS: maternity, literature, sexuality